

Breves Memórias de Canudos

Manoel Neto¹

Resumo

O texto de natureza memorialística reporta os primeiros momentos da presença institucional da Universidade do Estado da Bahia - UNEB na região de Canudos. Remonta a década de 1980 e se estende até os primórdios da década de 1990, cumprindo assim um decênio de atividades acadêmicas do Centro de Estudos Euclides da Cunha - CEEC, nas quais se incluem iniciativas vinculadas ao ensino, à pesquisa e a extensão, assentadas numa experiência metodológica inaugural que mobilizou uma equipe multidisciplinar de pesquisadores e, ensejou, um olhar diversificado sobre o passado histórico, a memória cultural e a realidade imediata não só daquele município, como também, das cidades circunvizinhas, a exemplo de Euclides da Cunha, Monte Santo e Uauá, inseridos no espaço geo-histórico desejável para a pesquisa então iniciada, cujo objetivo final era a elaboração de um projeto de desenvolvimento hoje denominado de sustentável.

Palavras-chave: História. Memória. Semiárido. Canudos.

BRIEF MEMORIES OF CANUDOS

Abstract

The text imprint memoirist reports the first moments of the institutional presence of the Universidade do Estado da Bahia - UNEB in the region of Canudos. It dates back to the 1980s and extends to the beginning of the 1990s, thus fulfilling one decade of academic activities of the Centro de Estudos Euclides da Cunha - CEEC, which includes initiatives related to teaching, researching and extension, seated in an methodological experience that mobilized a multidisciplinary team of researchers. That method led into a diverse look on the past history, as on the cultural memory and on the current reality, not only of that county, but also the surrounding towns. Euclides da Cunha, Monte Santo and Uauá are examples of towns, entered into the geo-historical desirable for the started research, whose ultimate goal was the preparation of a development project, today called sustainable.

Keywords: History. Memory. Semi-arid. Canudos.

¹ Historiador e pesquisador do Centro de Estudos Euclides da Cunha - CEEC.

O hábito
-me tom
pel as r
viagem no
acontecer
preserva
Lembro
passando
veis e pr
critor m
autor de
bores de
e de vid
agradáve
pital do
casarios
Palácio c
Poder du
te Jusceli
da dos "c
a este m
funcioná
mental.

Ao
lhar nas

2 Josué Mo
cionista, jo
As suas rec
Completo"
Presidente c

Joel Neto¹

da presença
dos. Remonta
prindo assim
inha - CEEC,
o, assentadas
multidisciplinar
o, a memória
, das cidades
los no espaço
a elaboração

esence of the
s back to the
of academic
des initiatives
perience that
verse look on
only of that
and Uauá are
search, whose
inable.

O hábito de ler os memorialistas fez-me tomar gosto por garatujar no papel as minhas recordações. Imóvel viajo no tempo e retorno a cenários e acontecimentos, os quais a memória preserva e envolve em diáfano tecido. Lembro que há pouco tempo andei passando os olhos sobre as encantáveis e prolongadas lembranças do escritor maranhense Josué Montello,² autor de um livro magistral – Os Tambores de São Luís – proseador fluente e de vida pública movimentada. Fiz agradável passeio pelo Brasil, pela capital do Maranhão com seus velhos casarios e azulejos, adentrando até o Palácio do Catete e a intimidade do Poder durante o mandato do Presidente Juscelino com sua polemizada agenda dos “cinquenta anos em cinco”, pois a este mandatário Josué serviu como funcionário do alto escalão governamental.

Ao prazer e gosto por mergulhar nas “minhas memórias e na dos

² Josué Montello (1917/2006). Romancista, cronista, jornalista e memorialista maranhense. As suas recordações, as quais titulóu “Diário Completo” foram publicadas em dois volumes. Foi Presidente da Academia Brasileira de Letras.

outros”, tomando aqui emprestado o título dado por Rodrigo Otávio³ as suas reminiscências, somou-se o fato da historiografia moderna reconsiderar estes escritos amparando-os como matéria bibliográfica importante para a formulação das tarefas acadêmicas, incluindo inclusive os depoimentos orais transformados pelas transcrições em documentos escritos, entre as boas e confiáveis fontes, dando-nos, os bons ouvintes de velhas confissões, a oportunidade de transformar a tessitura dos anos em relatos para os presentes e futuros.

Volver ao passado traz riscos e nos impõe desafios. O tear onde o conjunto desordenado e imaterial do pretérito se aloja não abstrai as emoções boas ou más do vivido. Fica tudo lá, nos recônditos, bem guardadinho. Ao tocá-lo, ainda que tímida e cuidadosamente, os acontecimentos e seus personagens afloram por vezes com a força das águas represadas, rompendo e derrubando obstáculos. E somos levados aos solavancos rumo às antigas

³ Rodrigo Otávio (1866/1944). Magistrado e escritor. Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

tensões e prazeres. Aos rostos e fatos deixados em velho baú guardado dentro de nós, juntam-se palavras que soltas nos escaninhos do tempo novamente se agrupam e magicamente nos devolvem os sons da oitava esquecida.

Recordar é viver, eu digo sem medo de errar, versos e melodia de uma canção de outrora e que reporta ao adágio popular, a sabedoria das ruas, dos sobrados de nossos avós. Das cidades horizontais e calmas, menos ruidosas e mais pacíficas. Dos bairros de vida noturna previsível e bucólica, das cadeiras nas calçadas e nas fachadas das residências escrito “que é um lar”, como nos informa a poética de Chico e Vinicius sobre a melodia comovente de Garoto.

Foi na década de 1980 do século vinte, ele que se foi ontem e hoje já nos parece tão distante, que Canudos chegou até mim ou eu cheguei à histórica região onde o Conselheiro Antônio deu formas a sua utopia.

Entrara para a equipe do Projeto Canudos, trabalho desenvolvido pelo Centro de Estudos Euclides da Cunha - CEEC, que objetivava colo-

car o esforço acadêmico a serviço da comunidade local. A ideia básica era conciliar a pesquisa histórica com a produção de um diagnóstico da situação socioeconômica do município então recém-criado. A Nova Canudos que se gestara em terras da antiga fazenda Cocorobó retomara a toponímia antepassada e célebre. O sangue secara, os cadáveres estavam sepultados, no entanto, as marcas da Guerra forjaram cicatrizes inapagáveis. As impressões decorrentes da leitura de “Os Sertões”, espécie de rito de passagem obrigatório para toda a equipe de técnicos e pesquisadores, ressurgiam pungentes diante da caatinga majestosa na sua aridez tão íntima dos homens e mulheres sertanejos. Cinza de dor e beleza para mim desconhecidas, soco no estômago e um bulício inquietante na consciência. Vinham às perguntas aos borbotões, sôfregas de respostas. Como ser plenamente brasileiro sem haver pisado aquela terra? Como ser militante político sem revirar este Brasil ao avesso? Buscava nas referências intelectuais alguma luz para desvendar imagens e figuras humanas e físicas,

a serviço da
ia básica era
tória com a
ótico da si-
lo município
ova Canudos
da antiga fa-
ra a toponí-
re. O sangue
vam sepulta-
cas da Guer-
apagáveis. As
da leitura de
rito de passa-
a a equipe de
s, ressurgiam
inga majesto-
a dos homens
inza de dor e
hecidas, soco
o inquietante
às perguntas
de respostas.
brasileiro sem
a? Como ser
rirar este Bra-
as referências
ara desvendar
nas e físicas,

plantas e bichos. Pedia socorro aos mestres Graciliano, Guimarães Rosa e José Calasans, este último respeitabilíssimo conselheirista! Como explicar tal abandono? Como entender a força moral e a dignidade inquebrantável daquele povo que saía dos livros, dos textos acadêmicos, dos debates e sessões de estudos para fazer morada em meu viver intelectual de brasileiro rebelado contra as injustiças? Senti-me naqueles dias pisando em ovos, mas a sorte estava lançada.

Estivemos nos meses anteriores a viagem sob a orientação da Professora Yara Dulce Bandeira de Ataíde e do Professor Renato José Marques Ferraz, respectivamente Diretora e Vice-diretor do CEEC; escrevendo projetos, anotando providências, participando de encontros quase diários com o conjunto da equipe, ocasiões em que debatíamos pesquisa participativa, multidisciplinaridade, metodologia da pesquisa histórica e ouvíamos longas dissertações de um psicólogo argentino, Hugo Kutscherauer sobre dinâmica de grupo e interdisciplinaridade, isto num portunhol abstruso que mais

confundia que explicava. Preparavam-nos jovens pesquisadores de formações diversas para a fascinante aventura ao mundo beato que dera origem ao arraial de Canudos, encravado “entre montes soberbos e alinhados”, como escrevi anos mais tarde em um poema que dediquei ao mestre e amigo Antônio Olavo, o refinado artesão do soberbo documentário “Paixão e Guerra no Sertão de Canudos”, filme premiado e visto por numeroso público em todo Brasil e no estrangeiro também. Chegar aquele lugarejo tão comentado e igualmente desconhecido para quase todos nós, assinalava momento singularíssimo para o desenvolvimento do Projeto. A equipe de Arqueologia e Antropologia Física, Jorge Glauco, Paulo Zanettini, Luís Carlos, José Rebouças e Heloisa Kuser, esta uma gauchinha de faiscentes olhos verdes e de uma timidez que a fazia monossilábica, antecipara-se ao restante do grupo e fixara-se em Canudos de “mala e cuia”, atarefada com a demarcação da área reservada para criação do futuro Parque Estadual de Canudos, resolução expressa no Decreto nº 33.193, de

27 de maio de 1986. Posteriormente e, também, pelo Decreto nº 33.333, de 30 de junho, instituiu-se o PEC,⁴ autorizando a Secretaria de Educação e Cultura, por intermédio da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, a adotar as providências necessárias à sua construção, autarquia a qual estávamos institucionalmente vinculados como um Órgão Suplementar diretamente ligado a Reitoria.

A professora Yara era uma historiadora experiente e rigorosa na sua tarefa de gestora, nos exigindo cumprimento de horários e execução conforme o planejado das tarefas. De estatura mediana, alva, cabelos claros e atitude sempre reservada, era uma figura essencialmente profissional e de comportamento classicamente acadêmica, sem ser arrogante ou pernós-tica. Era, ao contrário, afável e receptiva nos debates teóricos. Funcionava como uma abelha diligente, trabalhando incansavelmente para prover os técnicos de todos os recursos logísticos e materiais necessários à execução

4 Abreviatura adotada para nomear o Parque Estadual de Canudos.

das atividades. Para tudo tinha olhos desdobrando-se num esforço hercúleo para fazer o “trem partir da estação”. Estudiosa, aplicada, participava intensamente dos grupos de estudos sugerindo e fazendo as corrigendas provenientes nos relatórios semanais produzidos pelos pesquisadores, notadamente no que se referia as consultas em arquivos.

O professor Renato Ferraz era o oposto. Estilo Indiana Jones, ares aristocráticos no falar e no comportar, mostrava-se refratário no trato dos assuntos burocráticos. Proseador de boa cepa, intelectual de formação adquirida nos livros e na sua vida grande parte vivenciada na convivência em meio a escritores, artistas plásticos, fotógrafos e cineastas, tivera experiência anterior no Museu de Arte Moderna da Bahia, instituição onde trabalhara ao lado da célebre Lina Bo Bardi⁵ a qual sucedera na direção daquela casa de cultura. Leitor apaixonado de Euclides da Cunha a quem devotava uma admiração traduzida nas leituras

5 Arquiteta e designer (1914-1992). Esteve na direção do Museu de Arte Moderna da Bahia (Solar do Unhão), entre o final dos anos 1950 até 1964.

o tinha olhos
forço hercú-
artir da esta-
s, participava
s de estudos
corrigendas
ios semanais
adores, nota-
a as consultas

o Ferraz era
a Jones, ares
no compor-
o no trato dos
Proseador de
formação ad-
a vida grande
vivência em
plásticos, fo-
ra experiência
arte Moderna
nde trabalha-
ina Bo Bardi⁵
reção daquela
paixonado de
nem devotava
la nas leituras

2). Esteve na dire-
da Bahia (Solar do
150 até 1964.

e releituras constantes do “livro vingador” era capaz de repetir integralmente e sem tropeços trechos inteiros da narrativa euclidiana. Deambulava pelos sertões há bons anos, posto que em companhia do escultor Mario Cravo, seu cunhado, percorrera caminhos sertanejos em viagens anteriores a sua entrada na UNEB. Por indicação de Jorge Amado servira de guia ao escritor peruano Mário Vargas Llosa em suas andanças sertanejas, quando buscava subsídios para escrever a “A Guerra do Fim do Mundo”, esplêndida ficção sobre a saga de Antônio Conselheiro e o seu povo. Fizera-se conhecido e reconhecido na cidade renascida, primitivamente Cocorobó, mais tarde Nova Canudos e novamente rebatizada, outra e mais uma vez Canudos. Era o sempre festejado e porque não dizer reverenciado “Dr. Renato”. Capaz de falar durante horas, pois assunto nunca lhe faltava, deleitava-se em narrar fatos e episódios, sérios ou anedóticos, envolvendo autoridades ou subordinados, celebridades ou anônimos. Alto, cabelos levemente grisalhos, bigodes, andar largado e natureza pachorren-

ta, raramente tinha pressa. Calmo, quando, porém zangado, exaltava-se a violência. Bem apessoado tipo visto-so, encantava homens e mulheres, especialmente as mulheres que estavam sempre a rondá-lo e ele a elas. No trato conosco era sempre afável, educado, mas sem expansividades. Amiudada a convivência mostrava-se afetivo e solidário, desde que a sua autoridade não fosse questionada. Conservador vivia às turras com freiras e padres adeptos da Teologia da Libertação que questionavam com justa razão a forma autoritária que ele adotara para a demarcação do PEC. Gostava de polemizar, era do seu feitio.

Tento recordar aqui os outros membros do numeroso grupo de funcionários burocráticos, técnicos e pesquisadores que constituíam a funcionalidade do Centro. Sem consultar anotações: Sandra Caicó, Normandia Lima, Kátia, Maria do Socorro, Adailton e Waldir formavam o quadro administrativo. Mais de uma dezena de pesquisadores, contando com professores de Juazeiro integrados ao Projeto, desafiavam ao meu arquivo mental.

As meninas: Venétia Rios, Luiza Cavalcante, Denise, Dina, Thaís, Claudia Rangel, Olívia, Marta Trombone. Heloisa Kuser e Iracema. O grupo masculino incluía José Carlos Pinheiro, Atila Vinicius, Cesar Naus, Manoel Neto, Alberto Heráclito, José Carlos Mendes, Carlos Fuschini, José Rebouças, Jorge Glauco, Jaime Neves, João Cesar, Paulo Zanettini, Ismar de Oliveira, Luís Carlos, Alfredo Matta e o anteriormente citado Hugo Kutscherauer.

Pondo a cachola para funcionar recordo a curiosidade e forte impressão que a primeira ida a Canudos causou sobre os pesquisadores. Iríamos – pelo menos assim supúnhamos – ver de perto a terra que ensanguentada arde em chamas ao final de 1897. Sabíamos que pouco restava da velha “urbe” conselheirista, pois apenas escombros sobraram e as toscas ruínas restantes afundaram-se nas águas turvas do Açude de Cocorobó nos meses iniciais de 1969. Tais informações, contudo, em nada arrefeciam o meu entusiasmo, sentimento que acho era inteiramente comum entre todos os excursionistas. Anoitecia quando adentramos a aca-

nhada Vila. Vencêramos centenas de quilômetros num percurso percorrido em chão asfaltado até a cidade de Tucano, terra de João Abade, o famoso guerrilheiro canudense e berço natal do não menos notório ator Othon Bastos que representara Corisco em “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, filme rodado em Monte Santo, com algumas cenas marcantes gravadas na velha Canudos, a que foi reconstruída a partir de 1909, ou seja, no pós-guerra. Fati- gados dormimos após o jantar.

Ao deparar-me com o amanhecer esplendoroso, recordo que a noite fez frio, deveria ter me ocorrido à sentença euclidiana declarando incomparáveis as manhãs sertanejas! Nada me ocorreu, entretanto, apenas desfrutei o azul do céu e a claridade ofuscante. A luz do dia e o sol inclemente nos impuseram a realidade local. Calor escaldante e a visão de um pequeno lugar composto por casinhas pequenas, ruas descalças, outras singelamente calçadas, ladeiras, terrenos baldios e sinais sutis da fauna e da flora catingueira. Bichos domésticos criados soltos, livres, absolutamente integrados na paisagem

e no con
vizinhos
bras. Qu
Na minh
que fixei
Fo
Canudos
hoje é du
brados e
coordena
caso a ec
tropológ
dos com
vida local
de chofre
trora cor
hostil, ce
ticos” vi
com seu
e espinh
do, rasga
noticiava
dâneo de
republica
dos à que
que nos
arrogant
pegos e
de comb

centenas de
o percorri-
a cidade de
de, o famo-
e berço na-
ator Othon
Corisco em
o Sol”, filme
om algumas
a velha Ca-
ída a partir
guerra. Fati-
ntar.

o amanhe-
que a noite
rrido à sen-
lo incompa-
is! Nada me
s desfrutei o
ofuscante. A
nte nos im-
Calor escal-
queno lugar
quenas, ruas
nente calça-
dios e sinais
ingueira. Bi-
oltos, livres,
na paisagem

e no convívio com seus proprietários e vizinhos. Gatos, cachorros, bodes e cabras. Quase uma imagem de presépio. Na minha câmara imaginária foi assim que fixei o lugarejo.

Fomos ao Parque Estadual de Canudos. Em nada lembrava o que hoje é duas dezenas de anos e mais quebrados decorridos. Nossos anfitriões, coordenados pelo Prof. Renato, no caso a equipe da Arqueologia e da Antropologia mostravam-se familiarizados com o clima e as circunstâncias de vida local. Exibiam-se. Fomos levados de chofre ao encontro do território outrora conflagrado! Terreno acidentado, hostil, configurava-se para nós “raquíticos” viventes das bordas litorâneas, com seus cactos e bromélias agressivas e espinhentas, com seu piso desnivelado, rasgado por sulcos ressecados que noticiavam chuvas passadas, um sucedâneo de armadilhas. Eram os soldados republicanos inadvertidos e inadaptados àquele ambiente silente e belicoso que nos vinham à cabeça. Garbosos e arrogantes nos primeiros passos e trôpegos e desfeiteados após alguns dias de combates. Firmei naquela primeira

visita ao Parque Estadual e até hoje me mantenho convicto de que a área escolhida para sua implantação expressa muito mais a visão do agressor que do agredido, ou seja, por apoiar-se essencialmente na textualidade euclidiana o que temos é a olhar de fora para dentro, diria mesmo um olhar republicano sobre Bello Monte. O professor Sergio Guerra em dissertação apresentada ao Mestrado em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC abordou as marcantes diferenças que antagonizam a Canudos vista de fora, em contraponto ao modo de ver dos seus habitantes, texto que transformado em livro ganhou o sugestivo título de **Universos em Confronto: Canudos X Bello Monte**.⁶ Nos mil trezentos e vinte um hectare da área reservada pelo Governo da Bahia à história se apresenta nos vestígios materiais deixados pelos confrontantes; artefatos militares, louças de origem estrangeira, trincheiras dos conselheiristas, restos esqueléticos, fardamentos em frangalhos que

6 GUERRA, Sergio. **Universos em confronto: Canudos x Bellomonte**. Salvador: Gráfica da UNEB, 2000. 193 p. il.

se espalham em pontos como o Vale da Morte, Alto da Favela, Fazenda Velha, Alto do Mário, Pelados, Encosta da Favela e em meio à vegetação por vezes espessa e por outras rarefeitas.

Foi nesta ocasião que conheci dona Isabel Maria de Oliveira, cuja propriedade modesta e acolhedora situava-se em território do PEC. Herdara a terra e benfeitorias dos seus pais. Ali nasceu e ali vivia. Baixinha, cabelo alvo e sempre preso, rechonchuda, a todos recebia com uma cordialidade que hoje sei tipicamente sertaneja. Abria a casa e o coração. Na sala acanhada e parca de assentos, acomodava-se em uma velha cadeira e punha-se a conversar. Provocada falava da guerra, dos pais inquietos e dos dias assombrosos e tumultuados que a luta trouxera para aquele mundo pacato e isolado. Invocava constantemente o nome de Deus, evidenciando uma religiosidade profunda, natural. Fora ela, inclusive, que fincara no Alto do Mário uma cruz sobre tosco amparo composto de tijolo e barro, bela homenagem aos mártires de 1897, muitos dos quais parentes seus. Criava junto com os filhos,

modestos camponeses, bodes, cabras, galinhas, *miunças* que complementavam o criatório de vacas leiteiras de cujas tetas jorravam a matéria-prima para o fabrico de requeijão, coalhada e outros quesitos da culinária catin-gueira. Mencionava mezinhas, rezas e chás, adjutórios para o trato de pequenos males. Tornei-me seu amigo e dos seus filhos e filhas, frequentava a sua casa na cidade ou no Parque, aprendendo com ela a desvendar um pouco da alma sertaneja. Colhemos, eu e José Carlos Pinheiro, o seu depoimento. Ouvimo-la discorrer sobre o seu mundo e suas esperanças. Recriou puxando da memória tudo que escutara dos seus antepassados. Tive o privilégio de com ela dialogar durante mais de uma dezena de anos, escutar seus lamentos e perceber a sua alegria quase infantil, despojada, feitas de benemerências ocasionais que a alcançavam ou aos seus descendentes. A morte a colheu discreta e ela se foi na mesma simplicidade em que sempre viveu.

Conhecer o Perímetro Irrigado do Vaza Barris nos possibilitou avaliar e debater com moradores e funcioná-

des, cabras, implementa-
leiteiras de
átéria-prima
io, coalhada
nária catin-
lhas, rezas e
to de peque-
amigo e dos
entava a sua
rque, apren-
ar um pouco
os, eu e José
depoimento.
e o seu mun-
criou puxan-
escutara dos
privilégio de
mais de uma
eus lamentos
quase infantil,
nemerências
avam ou aos
orte a colheu
mesma simpli-
veu.

etro Irrigado
bilitou avaliar
s e funcioná-

rios do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca - DNOCS, a gênese e desenvolvimento do projeto ali implementado por aquela Autarquia Federal há muito presente no semiárido brasileiro. Criado em 1909 com a nomenclatura de IOCS - Inspetoria de Obras Contra a Seca, passando em seguida a chamar-se IFOCS - Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca, identidade com a qual se apresentou em Canudos na década de 1930 para operar a construção da BR-116, finalmente tornou-se DNOCS nome que conserva até hoje. Opino que mudou mais de nome que de orientação técnica e política, sofrendo ao longo dos anos as nefastas injunções conjunturais do Poder que tanto penalizam os serviços públicos no Brasil. Ainda assim, prestou e presta – hoje de maneira precaríssima – importante contribuição ao crescimento de Canudos.⁷

Dotada de uma estrutura que incluía galpões, oficinas, hospital, residências

⁷ Sobre este assunto sugerimos a leitura da obra ficcional e autobiográfica do escritor canudense Eldon Canário, em especial a trilogia **Canudos**, **Memórias de Canudos** e **Cativos da Terra**, publicações indispensáveis para quem deseja melhor conhecer sobre a cidade do pós-conflito.

funcionais para técnicos e operários, equipamentos e maquinários caríssimos, a Repartição atendia a demanda dos colonos assentados no terreno beneficiado por um sistema de irrigação vindo da Europa que conduzia água aos assentamentos através de extensas tubulações côncavas e em concreto, espécies de veias abertas do Vaza Barris a sangrar diuturnamente. Sem dúvida uma obra monumental e de custo elevadíssimo. Causou-me funda e má impressão a presença de uma produtora de sementes, a Agrocerec,⁸ que explorava a produção no assentamento. Financiavam o plantio de tomate e pimentão, culturas tratadas com doses maciças de fertilizantes e pesticidas, aplicadas pelos agricultores sem as devidas e indispensáveis precauções. As polpas dos frutos eram jogadas ao lixo, imprestáveis que ficavam para o consumo humano. Desaparecera ou existia em escala reduzida a produção de hortaliças, feijão, verduras e outros ingredientes da dieta alimentar do homem das caatingas. As moradias

⁸ Hoje Monsanto. O uso abusivo e descuidado de herbicidas persiste infestando o Perímetro e fazendo vítimas.

destinadas aos engenheiros e servidores mais graduados do DNOCS, localizadas num altiplano, eram solidamente construídas, pintadas de branco o que dava ao conjunto uma graciosidade especial. Ainda hoje permanecem deste modo, muito embora ocupadas não só por funcionários, como também, por pessoas da comunidade. Lá funciona, onde outrora foi residência dos engenheiros-chefes do escritório local, o Hotel Por do Sol, privilegiado e majestoso, propiciando aos hóspedes nascentes e poentes de uma beleza sagrada, irretocável. A arrendatária e responsável pelo empreendimento é a professora Joselina Rabelo, antiga funcionária da instituição e casada com um também funcionário, cujo apelido Pelanca, de tão presente e disseminado me fez esquecer seu nome de batismo. Não foram, todavia, as moradas mais compostas, mais bem acabadas, que me impressionaram. Algumas casinhas aparentemente frágeis, pintadas de um azul esmaecido pelo tempo, me tocaram fundamente. Ali viviam operários, os denominados cassacos, trabalhadores braçais que convoca-

dos para a construção da BR se deixaram ficar e reaproveitados passaram à construção da Barragem de Cocorobó. Um tanto disformes, feitas de madeira, espalhavam-se pelas proximidades das residências dos graduados e, em maior número, num local conhecido como *Acampamento do Dudu*, topônimo advindo de um morador que ajudara a fundar o arruado. Alinhadas a direita e a esquerda, prosaicamente enfeitadas com flores na janela, ajeitavam-se como a se escorar uma nas outras. Humanas fossem dariam a ideia de bêbados amparando-se mutuamente. O final da rua desembocava no açude, numa pequena enseada, batizada de Prainha e utilizada como balneário. Assim conserva-se.

O Açude de Cocorobó, grandiosa lâmina de água, em números cúbicos 245.000.000 de litros represados por poderosas estruturas de concreto derrama-se pachorrento, como que de fastio, no seu leito de senhor abastado. Cercado por elevações como as serras do Cambaio, Poço de Cima, Cocorobó e algumas mais, lambe-as arreesado, arrastando-se para rumos diversos.

Sua edifi
denenas c
de 1940/
em 1969.
de orien
Ditadura
divisei pe
robusto,
de arma
exploraçã
dades. F
a pesca f
artesanal,
locomovi
Locais p
mentos r
fício do a
nado. No
indefecti
aguadas,
cos, latas
mesmissi
de tempe
gumas m
e os cam
rentos te
vias asfált
as chuva
rrios amb
tasmias in

BR se deixa-
s passaram à
le Cocorobó.
s de madeira,
midades das
e, em maior
ecido como
opônimo ad-
ue ajudara a
idas a direita
ente enfeita-
a, ajeitavam-
ia nas outras.
n a ideia de
mutuamente.
cava no açu-
ada, batizada
no balneário.

obó, grandio-
úmeros cúbi-
os represados
s de concreto
como que de
hor abastado.
omo as serras
na, Cocorobó
as arrevesado,
nos diversos.

Sua edificação persistiu durante boas dezenas de ano. Atravessou as décadas de 1940/1950 e somente foi finalizado em 1969. Negociado no Estado Novo de orientação fascista findou-se na Ditadura Militar. Em 1985 quando o divisei pela vez primeira estava cheio, robusto, mas sua enorme capacidade de armazenamento não resultava na exploração plena das suas potencialidades. Faltavam projetos adequados, a pesca fazia-se de maneira primária e artesanal, enfim, era um gigante que se locomovia com grandes dificuldades. Locais próximos, pequenos ajuntamentos rurais, não gozavam o benefício do abastecimento regular e encanado. No período de estiagens surgia o indefectível caminhão pipa, enchendo aguadas, tanques, utensílios domésticos, latas, barris, ou seja, repetindo o mesmíssimo ritual cíclico e perverso de tempos passados. Em que pese algumas melhorias hajam se processado e os caminhos antes de barro e poeirentos tenham se transformado em vias asfálticas bem sinalizadas, quando as chuvas escasseiam esses reservatórios ambulantes ressurgem como fantasmas insepultos e renitentes.

Informação colhida por alguns colegas e facilmente perceptível nas vias públicas atestavam a inexistência de esgotamento sanitário na imensa maioria das casas e na própria vila de um modo geral. Córregos fétidos, podres, corriam junto aos meios-fios, ameaçando a saúde de adultos e crianças. Foco de muriçocas e mosqueiro densamente povoado, esta realidade degradante não se afigurava problema de preocupações mais agudas. A coleta de lixo irregular também deixava ruas e praças com aspecto pouco recomendável. Como é corriqueiro na maior parte dos municípios interioranos, a urbanização das ruas e avenidas não significava que obras de infraestrutura precedentes a cobertura com pedras ou asfáltica das artérias, notadamente rede sanitária, sejam providenciadas. Hoje cobertas de paralelepípedos as vias canudenses conservam seus “rios” urbanos infectos e apodrecidos, expostos e sem o tratamento técnico adequado.

Encantou-me a cordialidade das pessoas. Receptivas, alegres, algumas delas verdadeiramente comprometidas e identificadas com a própria

história. Tive a surpresa de descobrir a Associação de Estudos e Pesquisas Antônio Conselheiro - ACEPAC, grupo de jovens interessados em pesquisar, documentar e difundir a cultura e a memória histórica do município. Entre seus dirigentes Haroldo e Tininha. Ele um homem aparentemente rude, operário de muitos ofícios, em verdade, um intelectual orgânico, conhecedor da flora, da fauna, da geografia e dos acontecimentos históricos que ilustravam a existência da cidade em suas fases distintas. Identificava palmo a palmo os cenários da luta de 1896/1897, apontando com segurança onde sob as águas do Cocorobó as ruínas da vila conselheirista e as sobras da segunda Canudos estavam sepultadas. Tininha com seus cabelos negríssimos, lisos e o rosto a expor com fidelidade a origem indígena era sua parceira constante. Baixa, franzina, ao movimentar-se e falar transmitia uma energia surpreendente. Dela dependia a logística para a realização das pesquisas de campo, das entrevistas com antigos moradores, pois bem articulada politicamente transitava com alguma facili-

dade nos gabinetes da administração municipal. Tanto Haroldo quanto ela mostravam-se excessivamente centralizadores, diria também intransigentes, com aqueles meninos e meninas que os acompanhavam na árdua tarefa de revolver o passado e renovar-lhe a vida, para trazê-lo de volta para os seus contemporâneos e eventuais interessados. Com a ACEPAC manteve longa e cordial relação de trabalho e amizade. Várias gerações de moças e rapazes por ela passaram e depois deram curso as suas vidas. Abalada pelas disputas políticas municipais que geravam atritos irreconciliáveis a Associação feneceu. Seu patrimônio documental, acervo constituído por uma interessante iconografia, documentos e importantes entrevistas, ao que sei acha-se em poder de Haroldo, cuja companheira envolveu-se em um conflito que resultou em morte da sua antagonista, drama passionnal que alterou a rotina da Vila e modificou drasticamente a vida dele, que na ausência da companheira teve que dedicar-se exclusivamente aos seus filhos e a mulher encarcerada.

Par
e melhor
UNEB/CI
feitura M
instituiçõ
to o médi
Vavá, sen
Ribeiro (C
apelido d
res, fisiol
nham um
vezament
eles e seu
essa oligar
Canudos
alguns do
uma déca
explica e
sociais e
desenvol
que resu
cante, nu
emergen
de desen
jovens, a
No
municiaç
dades er
telefonia

Administração
o quanto ela
ente centra-
intransigen-
s e meninas
árdua tarefa
renovar-lhe a
para os seus
interessados.
longa e cor-
amizade. Vá-
rapazes por
ram curso as
disputas po-
avam atritos
ção feneceu.
ental, acer-
interessante
e importan-
i acha-se em
companheira
ito que resul-
gonista, dra-
a rotina da
mente a vida
companheira
ivamente aos
arcerada.

Para cumprir seu planejamento e melhor amparar-se no município a UNEB/CEEC articulava-se com a Prefeitura Municipal, DNOCS e outras instituições. Exercia o cargo de Prefeito o médico Manoel Adriano Filho, Dr. Vavá, sendo o seu vice o contador João Ribeiro Gama, tratado sempre pelo apelido de Zito. Políticos conservadores, fisiológicos e clientelistas, mantinham uma aliança que presumia o revezamento no Poder, partilhado entre eles e seus seguidores. Dominada por essa oligarquia paroquial e autoritária Canudos foi governada por ambos ou alguns dos seus áulicos durante mais de uma década. Este domínio prolongado explica em parte os graves infortúnios sociais e econômicos que retardam o desenvolvimento municipal, entraves que resultam numa educação claudicante, numa saúde cujo atendimento emergencial é desumano, na alta taxa de desemprego, na desassistência aos jovens, aos idosos e aos pobres.

Nos anos oitenta os meios de comunicação com Salvador e outras cidades eram complicados. O serviço de telefonia era resumido a um posto tele-

fônico, sempre lotado e frequentemente avariado. As antenas parabólicas fincadas sobre telhados de dezenas de residências, algumas delas modestíssimas, despertavam inevitável curiosidade e por que não dizer? Espanto! Mas eram através delas que o mundo com suas diferentes cores e ambiguidades chegava até Canudos. As novelas faziam furor e seguravam jovens e velhos, senhoras e senhores, moços e moças enfiados em casas diante do receptor. Moça bonita tornava-se “Juma Marruá” numa alusão explícita a protagonista de Pantanal, folhetim eletrônico de estrondosa audiência. Sonhavam e sofriam todos, solidários na utopia de um mundo de enlevo e paz.

Após essa primeira viagem, voltamos sucessivas vezes aquela terra boa e acolhedora. Sempre na companhia de José Carlos Pinheiro fomos descobrindo Canudos, sua gente sábia e modesta, seus encantos mais reservados. Nosso retorno se deveu a dois projetos, ambos agraciados com recursos do CNPq.⁹

⁹ Conselho Nacional de Pesquisa, órgão vinculado ao Ministério da Educação e Cultura.

O primeiro já na titulação – A Presença da Guerra de Canudos na Memória do Povo de Cocorobó – expressava seu objetivo primordial. Iniciávamos com ele o programa de história oral do CEEC e nas buscas de fontes para a construção da narrativa pretendida fomos ao encontro do povo mais antigo, para usar uma expressão marcadamente sertaneja. Conhecemos figuras admiráveis, algumas das quais se tornaram nossos amigos e amigas por toda a vida, até o dia que finalmente partiram. Foram tempos assinalados por um cotidiano de encantamento, de aprendizado. Começo pelos mais idosos. João Guerra e dona Eulina, proprietários do Hotel São João Batista. Vou buscar na sua rocinha em meio à caatinga e cercado por suas cabras e bodes, esperto e falante, o inesquecível Paulo Monteiro. Viajo até a casinha de João Molambo, curvado sob os anos e seguro no seu cajado, indagando se éramos da Força, retornando no seu delírio aos anos de chumbo que presenciara. Como não pensar em João de Doni? Imóvel no leito e a nos dizer: “não durmo penso no povo que

conheci. Vivo e morto”. Dona Zefinha e dona Ana no Bendegó, cujas recordações eram entremeadas com rezas e cânticos. Nas Umburanas altivo como as grandes árvores sertanejas o mestre João de Régis e sua filha Duru. Redivivos João Botão, Pistola e dona Léia, em cujo restaurante no cento da cidade comíamos bode com poções de arroz e feijão, tudo caseiro, temperado no costume dos sertões. No Cumbe, rebatizada Euclides da Cunha, Seu Ioiô da Professora que tomado de uma emoção que nunca se esgotava, não apenas contava o que ouvira e lera, incontinente levanta-se da cadeira e pondo-se de pé entrava em cena reproduzindo diálogos, descrevendo personagens, recriando os acontecimentos. Não há como esquecer-los, mesmos aqueles que por lapso da memória fugidia deixo aqui de mencionar. Dos mais novos “sentaram praça” nestes meus “recuerdos” o sempre bem humorado Antônio Geraldo, vereador e comerciante, José Moreira, pessoa risonha e afável, que sendo delegado conciliava antes de punir, regra que seguia escrupulosamente apaziguando vizinhos em pé

. Dona Zefinha
gô, cujas recor-
das com rezas e
nas altivo como
anejas o mestre
na Duru. Redi-
la e dona Léia,
cento da cidade
oções de arroz
temperado no
o Cumbe, reba-
na, Seu Ioiô da
de uma emo-
va, não apenas
lera, inconta-
ta e pondo-se
reproduzindo
personagens,
entos. Não há
smos aqueles
ia fugidia dei-
os mais novos
meus “recuer-
norado Antô-
comerciante,
onha e afável,
nciliava antes
ia escrupulo-
tinhos em pé

de guerra. Pelanca que se orgulhava de
nunca haver ingerido álcool ou fuma-
do, o que não o impediu de morrer de
um fulminante ataque cardíaco anos
depois. José Uilton, vice-prefeito numa
das gestões de Zito, Adrino aposentado
do DNOCS, Arnaldo agricultor e irri-
gante assentado no Perímetro, Ugilson
Gama, Bião de Canudos, compositor
inspiradíssimo. Kerto, aposentado fe-
deral e mestre na culinária, morador
do bairro Califórnia hoje densamente
ocupado e naquela quadra zona de ra-
ras moradas. Destaco meu amigo João
Gama, comerciante e agricultor. No
seu bar, bebíamos cervejas, ouvíamos
músicas por nós escolhidas, medida
preventiva a nos proteger do repertório
disponível na sua discoteca. Como não
falar de Cornélio Oliveira, de Judivam
e Pedro de Tuté, seus irmãos e todos
filhos de dona Isabel. Das filhas de Seu
João e dona Eulina, Joselina, Josélia e
Jailda e Sandra a mais nova delas. Ze-
lito, Gilberto, João Bosco e João Car-
los, prole masculina do mesmo casal.
Filiei-me a alguns amigos para todo o
sempre. Moisés Varjão, filho do velho
Paulo Monteiro a quem até hoje venera
e chora tantos anos após o seu faleci-

mento. José Lúcio, inteligência privile-
giada e que tocado por algum tormen-
to existencial, abortou uma carreira
brilhante, pois muito bem articulado
chegou a ser Vice-prefeito. Perdeu-se
e vive hoje obscuramente num insulto
ao seu talento e inteligência. O poeta
José Américo a engatinhar nas letras,
ainda inédito, mas sempre inquieto e
inconformado, deblaterando contra
Deus e o mundo, numa ira que o fazia
rebelar-se quase por necessidade orgâ-
nica, ira visceral e produtiva. Escreveu
e publicou seus poemas e permanece
a vender seus livros, “mercador das le-
tras”, por onde a vida o leva, dizendo
com inegável paixão e fogo interior a
sua palavra poética.

Em torno dos festejos religiosos,
em especial as Trezenas de Santo Antô-
nio, a cidade regurgitava de novidades
e visitantes. Surgiam artistas de varias
origens e calibres, talentos insuspeitos
apresentavam-se em busca de um lu-
gar ao sol ou a lua, pois as noites eram
e são movimentadíssimas nos junhos
canudenses. Cantores, atores, músicos,
pintores, artesãos, enfim, numerosa
“trupe” a querer brilhar.

Em meio a essas revivências desordenadas me obrigo em abrir parênteses para João Dias de Oliveira, João Guerra, e sua esposa dona Eulina.¹⁰ Ele era um homem de baixa estatura, tipo albino, fala mansa e passo cadenciado, leve, como a pisar em chão coberto por flores frágeis. Cordial com todos que tratava fazia valer o proverbial bem receber dos viventes das caatingas. Conversamos muitas vezes, algumas palestras improvisadas, nascidas da intimidade que se foi forjando com a convivência amiudada pelas nossas frequentes visitas. Na sua casa ampla, onde vivia com seus familiares e recebia seus hóspedes, nos privilegiou com um tratamento paternal, entremeadado de conselhos e ensinamentos, decifrando alguns códigos de acesso ao mundo particularíssimo do sertão.¹¹ Era figura de inquestionável prestígio e respeitabilidade, íntegro, participante da vida social, cultural e religiosa da sua terra. Vivera alguns anos fora, com

10 Ambos já faleceram. Sr. João nos deixou em 1992 e dona Eulina, se não a memória não me trai, nos primeiros anos década passada.

11 Hotel São João Batista. Nele se hospedou entre outros nomes ilustres, Mário Vargas Llosa.

certeza em Uauá, sempre trabalhando duro para manter a família e educar os filhos. Na “Terra dos Vagalumes”¹² aliançou compadrio com o lendário Coronel Jerônimo Rodrigues, político e patriarca daquelas terras, que batizou seu filho João Carlos. Aposentado do DNOCS, onde trabalhara como *feitor*¹³ de cassacos na construção da estrada e, posteriormente, no levantamento da barragem, quando da submersão da Canudos Velha tomou a si o encargo de trazer para Cocorobó o Cruzeiro posto por Antônio Conselheiro e seu povo frente à Igreja de Santo Antônio, aquela reformada pelo Beato Paulo José da Rosa ou Hora?¹⁴ Seus últimos dias foram de resignado sofrimento. Enfermo, prostrado no leito, padeceu sem reclamar. Acalentava a netinha Milena, a quem devotava um

12 Dístico que destaca a cidade de Uauá.

13 A função de feitor correspondia ao que hoje se denomina apontador na construção civil. A nomenclatura, sem dúvida, advém do regime escravocrata.

14 Manuscrito existente no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia - IGHB, de autoria do Beato Paulo José, analisado pelo Prof. José Carlos Pinheiro, produziu no citado pesquisador a dúvida quanto ao sobrenome do acompanhante do Conselheiro, posto que o R e o H sugerem semelhanças caligráficas.

re trabalhando
nília e educar
Vagalumes”¹²
om o lendário
rigues, político
as, que batizou
posentado do
a como *feitor*¹³
ção da estra-
o levantamen-
o da submer-
tomou a si o
Cocorobó o
ntônio Con-
te à Igreja de
eformada pelo
sa ou Hora?¹⁴
de resignado
ostrado no lei-
ar. Acalentava
devotava um

e Uauá.

ia ao que hoje
rução civil. A
n do regime

uto Geográfi-
le autoria do
Prof. José Carlos
quisador a dúvida
nhante do Con-
rem semelhanças

amor que se traduzia na interminá-
vel paciência que o fazia acarinhá-la a
cada choramingo de menina mimada,
mesmo quando as forças lhe faltavam.
Firmo a certeza que se foi em paz.

Dona Eulina era a placidez em
pessoa. Fotografia da sua juventu-
de pendurada na parede da sala nos
mostrava uma cabocla legítima, dona
de uma beleza genuinamente brasilei-
ra. Discretíssima, de poucas palavras,
riso contido, não deixava de exercer a
sua autoridade de avó e mãe. Senhora
absoluta da faina doméstica conduzia
o labor quer para a vida familiar, quer
para a atividade comercial de forma
diligente e bem dosada. Arredia nos
primeiros contatos, pouco a pouco
modificava os cumprimentos formais
transformando-os em manifestações
sinceras de afabilidade. Socorreu-me
de uma ferroada de caboclo, inseto
endêmico da região, cobrindo o ferim-
ento com emplasto contendo alho e
algumas outras substâncias que agora
não me ocorre. Livrou-me, disseram-
-me muitas pessoas, de febre, frio e dor
de cabeça. Religiosa e portadora de fé
inquebrantável, a ela se atribui a exor-

cização da residência do Dr. Sandoval,
Diretor do escritório local do DNOCS,
que proclamava aos quatro ventos a
sua condição de ateu sem remissão.
Ocorre que em um feriado prolongado
reunido com a família, parentes e al-
guns convivas, foram subitamente ata-
cados por visitantes invisíveis, todavia,
barulhentos e operosos, os quais lhes
atiravam objetos de variados tamanhos
e pesos, além de fartas quantidades de
sal. Assustadíssimos recorreram aos
mais distintos expedientes parra acal-
mar os convidados indesejáveis, sendo
que até o padre esteve no local, mas
os ataques persistiram. Lembrados
de dona Eulina, cujos conhecimentos
de orações poderosas e eficazes era
já conhecido na comunidade, foi ela
chamada para enfrentar as tais “almas
do outro mundo” que azucrinavam os
dias pacatos do Dr. Sandoval, àquela
altura confuso e abalado no seu mate-
rialismo ateu. A matriarca dos Guerra
mostrou-se a altura da tarefa: foi ao lo-
cal, executou seus rituais, preferiu suas
orações e apaziguou os espíritos per-
turbados que se retiraram envoltos no

mesmo mistério em que chegaram.¹⁵

Muitos verões posteriores, já vivenciando a solidão da sua viuvez e vitimada pelo Mal de Alzheimer converteu-se com o agravamento da moléstia em uma criança risonha, tomando-me a benção como se fora seu pai. Juntou-se ao esposo com quem conviveu mais de cinquenta anos indo ao seu encontro inocente como nascera.

Dia de feira semanal em Canudos, o que ocorria aos domingos, era acontecimento ruidoso e festivo, como em todas as cidades interioranas. Cores e uma algaravia estridente dos mercadores caracterizavam o ambiente. Assentada na Praça Principal, espaço predileto da cidade, notadamente dos jovens, sua rotina era de estudantes, namorados, desocupados, idosos buscando sol para os ossos ameaçados pela longevidade, bêbados contumazes e insanos de todas as esquesitices. Nos bares de variadas categorias, desde minúsculos cubículos a razoáveis estabelecimentos ouvia-se música tocada em

15 Este fato do qual tinha conhecimento superficial me foi contado em detalhes pela professora Joselina Rabelo, filha de Dona Eulina e do Seu João Guerra.

decibéis elevados, dramáticas e folhéticas letras, embaladas por melodias não menos melancólicas compunham a trilha musical destes ambientes. Bebia-se de tudo e em grande quantidade, de acordo com o poder aquisitivo do freguês. Destaco entre tantos a bodega de *Dr. Santana* que servia beveragens inusitadas e exóticas. O proprietário que nos cultos religiosos adotava aparência e comportamento circunspeto transfigurava-se no exercício da profissão: entrava de corpo e alma na galhofa. Sem “cobrar a consulta”, como fazia questão de ressaltar, oferecia do seu receituário etílico remédios para dor de corno e outros tormentos amorosos e físicos como impotência e males do fígado, estômago, do fiofó (hemorróidas), enfim, toda a farmacopeia extraída da flora catingueira e devidamente baldeada com boa cachaça. Cachaceiros de hábitos diários e também bebedores eventuais constituíam a numerosa e barulhenta freguesia do afamado consultório. Merece menção honrosa o Bar das Megueletes, este se distinguindo pela boa qualidade da música tocada, como também, pela

iticas e folheti-
por melodias
s compunham
ambientes. Be-
nde quantida-
der aquisitivo
e tantos a bo-
servia bebera-
as. O proprie-
giosos adotava
ento circuns-
no exercício
corpo e alma
r a consulta”,
essaltar, ofere-
lico remédios
ros tormentos
o impotência
nago, do fiofó
da a farmaco-
ingueira e de-
boa cachaça.
liários e tam-
s constituíam
freguesia do
rece menção
eletos, este se
qualidade da
ambém, pela

simpatia das proprietárias, moças gen-
tilíssimas, estudantes, que sabiam bem
receber e servir a clientela de gosto
mais exigente.

Aos loucos de Canudos e eles
são numerosos perambulando pelas
ruas, absortos nas suas fantasias e de-
lirios, dedico especial afeto a Milton
Doido, a quem conheço desde muito
jovem, estando hoje chegando inocen-
te e insano a meia-idade. Corujinha,
pedinte sem nenhum juízo, por vezes
desbocada, deambula sem rumo por
bares e restaurantes, num esmolar de-
sesperado. Tem um maluquinho que
não recobro o nome, de andar apressa-
do, fala que acompanha o passo e que
ante a presença de qualquer estranho
se curva quase genuflexo a pronunciar
frases desconexas. Não anda, diria que
faz uma marcha forçada. Episódio re-
cente, ocorrido há pouco mais de dois
anos passados, revela a completa incú-
ria com a saúde mental no município.
Um adolescente visivelmente surtado,
de família paupérrima, urrava deses-
perado num terreno adjunto ao case-
bre onde vivia sua família, aprisionado
pelos pés a uma árvore. Os familiares

que necessitavam trabalhar, assim o
conservavam durante o dia para que
não fugisse. Como se fora um animal
perigoso movia-se em círculos entre
dejetos. As autoridades municipais
mostravam-se indiferentes e insensí-
veis ao sofrimento daquele ser huma-
no que carpia a sua dor desamparado
e sozinho. Escandalizado juntei-me a
alguns amigos, pressionamos os gesto-
res municipais e o rapaz foi removido
para o Hospital Genaro Rabelo. Não
sei que fim levou, quando retorno a ci-
dade não o vejo mais e nem aos seus
familiares. Outros com certeza vivem
em condições semelhantes, ou melhor,
vegetam. E pensar que nos primórdios
do século XX, o Dr. Juliano Moreira,
médico e renomado estudioso, a quem
podemos atribuir a iniciação da mo-
derna psiquiatria brasileira, já conde-
nava e combatia os castigos corporais
e o isolamento dos doentes psiquiátri-
cos, tendo posto em prática no Hos-
pital dos Alienados no Rio de Janeiro,
nosocômio que dirigiu por prolonga-
dos anos, as suas teorias então revo-
lucionárias e inovadoras que hoje são
largamente adotadas, sendo uma delas

o tratamento antimanicomial, assunto atualíssimo na agenda da comunidade médica, familiares e profissionais da área de saúde em todo o país. Li em algum lugar que para os orientais os loucos são seres especiais, iluminados, dotados de uma sensibilidade que lhes faculta uma percepção de mundo diferenciada. Creio nisso sinceramente e carrego no meu “arquivo” mental um adágio que ouvi com frequência de minha avó materna e da minha mãe: “de médico, poeta e louco, todos nós temos um pouco”. O povo sabe o que diz.

Volto-me agora para as Semanas Culturais Canudos evento nascido de uma sugestão, diria quase despreziosa da professora Ana Maria Biriba de Almeida, que nos primórdios da década de 1990 do século passado geria a Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação onde nos enquadrávamos institucionalmente como já expliquei nestas reminiscências. Trabalhávamos Renato Ferraz – autor do projeto -, eu e José Carlos Pinheiro na elaboração

da Cartilha Histórica de Canudos,¹⁶ num processo metodológico que incluía a participação de representantes comunitários com os quais discutíamos passo a passo o texto histórico-gráfico, sendo esses debates precursores da escrita dos capítulos sob a responsabilidade do Professor Renato, que após escrevê-los retornava com as anotações para o aprovo final.¹⁷

O modesto livrinho pretendia contribuir para o ensino da disciplina História de Canudos exigência da nova Lei Orgânica do Município, o que efetivamente ocorreu, muito embora reconheça no trabalho deficiências que dificultam o seu uso pedagógico, especialmente no texto eivado de vocábulos poucos usuais, quase em desuso. Discutíamos com a professora Ana Biriba o lançamento da Cartilha que deveria vir a público naqueles dias, quando ela sugeriu que fizéssemos o evento

16 FERRAZ, Renato; SANTOS NETO, Manoel Antônio dos; PINHEIRO, José Carlos da Costa. **Cartilha histórica de Canudos**. Salvador: Prefeitura Municipal de Canudos; Universidade do Estado da Bahia, 1991. 66 p. il.

17 Integravam a Comissão as professoras Joselina Rabelo, Laudice Varjão, o professor Eginildo Cardoso dos Santos, a Ir. Deliris Brum, o estudante Moisés Varjão e o vereador José Lucio Rabelo.

e Canudos,¹⁶
gico que in-
representantes
tais discutía-
texto historio-
tes precedes-
pítulos sob a
fessor Renato,
etornava com
provo final.¹⁷
tendia contri-
disciplina Histó-
ia da nova Lei
, o que efeti-
o embora re-
eficiências que
pedagógico, es-
ivado de vocá-
tase em desuso.
fessora Ana Bi-
Cartilha que de-
eles dias, quan-
semos o evento

NETO, Manoel
Carlos da Costa.
s. Salvador: Prefeitura-
iversidade do Estado

professoras Joseli-
professor Eginaldo
ris Brum, o estudante
sé Lucio Rabelo.

em meio a um conjunto de atividades culturais típicas da região. Essa é a gênese de uma programação que perdurou por mais de uma década reunindo acadêmicos, artistas, escritores, pesquisadores, intelectuais, estudantes, professores e, sobretudo, mobilizando e inserindo a comunidade canudense nas sucessivas edições realizadas.

A primeira Semana Cultural de Canudos transcorreu no período de 29 de outubro a 1º de novembro de 1991, tendo a Prefeitura Municipal como parceira, cooperação que se estenderia nas ocasiões seguintes e até o seu ocaso. Cito nomes correndo riscos de omissões, mas menciono José Calasans Brandão da Silva, Oswaldo Gallotti, Adelino Brandão, Clóvis Moura, José Augusto Vaz Sampaio Neto, Alexandre Otten, Marco Antônio Villa, Ângela Gutiérrez, Zorilda Andrade, Luitgarde Barros, Lucia Ludolf, Jolivaldo Freitas, Oleone Coelho Fontes, Eldon Canário Antenor Junior, Evandro Teixeira, Fabio Paes, Gereba Barreto, Marcos Canudos, Oleone, Sergio Guerra, Dionísio Nóbrega Antônio Olavo, Pola Ribeiro, Tripoli Gauden-

zi, Gabriel Arcanjo, Carlos Petrovich, Paulo Dourado, Dody Só, Mirela Misi. José Américo Amorim, Fred Dantas e Orquestra, Banda de Pífanos de Canudos, Gildemar Sena, Enoque Araújo, Enoque Oliveira além de autoridades municipais, estaduais e federais, políticos, visitantes estrangeiros e turistas de todo o Brasil que fizeram das Semanas Culturais eventos marcantes e inesquecíveis, inscritos e presentes até os dias que correm nas recordações de todos aqueles que os vivenciaram. Foram palestras, debates, visitas orientadas ao Parque Estadual de Canudos e ao açude de Cocorobó, dança, música, mostra de cinema, exposições fotográficas e de pinturas, oficinas de arte diversas, enfim, encontros memoráveis que entraram para o calendário turístico e cultural da região.

Sempre exitosas as Semanas ocorreram por mais de uma década, salvo engano, foram treze ou catorze, com maior ou menor brilho em decorrência das dificuldades estruturais e, principalmente, conjunturais, determinantes para que os investimentos financeiros tanto da UNEB quanto

da Prefeitura fossem escasseando. Os custos com passagens, hospedagem, alimentação e traslado dos palestrantes, convidados e funcionários demandavam recursos nem sempre disponíveis nos minguados orçamentos das duas instituições mantenedoras, cujos dispêndios com outras prioridades punham em dificuldade o caixa. Não cremos, contudo, ter sido esta a razão do seu ocaso. Imputamos a uma mudança da política acadêmica na região, enfaticamente no CEEC, que sob uma gestão demasiadamente centralizadora redefiniu os objetivos do Centro na localidade, optando por priorizar a implantação de atividades voltadas para um projeto de desenvolvimento local, que se não prescindia ou não demonstrava prescindir de projeto cultural, relegou-o a plano secundário.

Cuidamos em alguns momentos, de forma sempre circunstancial, de qualificar jovens para a atividade turística, ou melhor, habilitá-los para a profissão de Guia, como também, proprietários de hotéis, pousadas e bares, para capacitá-los no que concerne a receptivo, higiene e demais serviços em

seus estabelecimentos. Convidamos órgãos especializados – Bahiatursa, Secretaria de Saúde etc. – para junto conosco que ministrávamos o conteúdo específico de história local e regional, trabalharmos com uma clientela por tudo heterogênea, distinta em muitos aspectos e por esta razão necessitando de tratamento diferenciado. Fizemos o que esteve ao nosso alcance e sem dúvida demos os passos iniciais para atender uma postulação há muito verbalizada pela comunidade.

Se não viajamos na boleia, da carroceria não escapamos num percurso que nos conduziu do Conde para Esplanada após, eu e Pinheiro, após perdermos o último transporte de linha, um “cacareco” que servia heroicamente naquele trecho de conservação precaríssima, Ali também o Conselheiro pusera suas alpercatas, levava sua palavra de fé e deixara suas marcas como sempre inapagáveis nas recordações do povo, Nem sempre foi assim, porém, na imensa maioria dos casos viajamos sempre em veículos oficiais, grandes ou pequenos, velhos ou seminovos, conduzidos por figu-

mas ino
quand
de Far
chonch
tino, b
uma i
dedica
a sua j
-se cor
noturn
diverti
tirar o
Ferraz
mados
tament
publico
fora O
da. Pa
pirueta
um gra
Depois
profun
seguint
lia que
person
lhor, Pa
chamac
embora
cannab

Convidamos
hiatursa, Se-
ara junto co-
s o conteúdo
al e regional,
clientela por
a em muitos
necessitando
do. Fizemos
lance e sem
iniciais para
há muito ver-
e.

na boleia, da
os num per-
u do Conde
1 e Pinheiro,
no transpor-
o” que servia
echo de con-
li também o
is alpercatas,
deixara suas
apagáveis nas
m sempre foi
a maioria dos
em veículos
uenos, velhos
los por figu-

ras inolvidáveis. O riso vem incontido quando chamo no “arquivo” a figura de Farias, o nosso Fafá. Pequeno, rechonchudo, cabeça grande de nordestino, bigode cheio, olhos claros e de uma inquietude inquietante. Sujeito dedicadíssimo ao seu ofício, cumprida a sua jornada de trabalho entregava-se com não menos rigor as libações noturnas. Bebia, cortejava mulheres, divertia-se como uma sofreguidão de tirar o fôlego. Assistimos, eu Renato Ferraz e Pinheiro, certa noite em Canudos uma performance sua absolutamente impagável. Dançou para um público que ria e aplaudia, como se fora Oscarito nos tempos da Atlântida. Passos improvisados, contorções, piruetas, enfim, repertório digno de um grande e extraordinário palhaço. Depois, exausto, quedou-se e dormiu profundamente. Curiosamente no dia seguinte era tomado de uma melancolia que o tornava monossilábico. Outro personagem era Paulo Matos, ou melhor, Paulo Maconha, como até hoje é chamado nas rodas unebianas, muito embora nunca houvesse feito uso da *cannabis sativa*. Eu o conhecia há mui-

tos anos, pois trabalhara com meu pai no antigo Ceteba, servindo como uma espécie de *boy*, habilitando-se como motorista posteriormente. Baixote e troncudo, desconfiado e de uma calma que o deixava eternamente em estado de espera, cumpria suas obrigações, mas descumpria religiosamente todos os horários. Estava constantemente atrasado, sem, contudo, mostrar-se preocupado. Ao contrário, mantinha a pachorra de costume. Motorista cuidadoso dirigia com muita cautela. Figuração. Tipo singular era “Barbudo”, um homem branco, de olhos claros, bigodes fartos e dotado de um mau humor que exteriorizava na cara fechada e no riso avaro, quase inexistente. Fumava como uma caipora, respondia sem muita vontade as perguntas que lhe eram endereçadas, mas apresentava-se sempre impecável no trajar e pontualíssimo nos compromissos. Pessoa rude, de limitada percepção intelectual, evidenciou-se refinado conquistador. Namorou e casou em Canudos. Teve filho. Transferiu-se para Euclides da Cunha, passando a servir no Departamento local. Lá permanece. Aposen-

tou-se com a saúde fragilizada. Presto aqui uma homenagem a Zeca, amigo que desapareceu prematuramente, vítima de infarto violento. Dirigia para o Reitor, mas eventualmente foi conosco ao sertão. Sorridente, brincalhão, extremamente prestativo, torcedor apaixonadíssimo do Vitória, era uma ser humano do bem. Finalizo com Edilson, nosso querido amigo "Gaspar". De baixíssima estatura, entretanto, forte e ágil. Agitado, andava como se estivesse em verdade querendo correr. As *pernas curtíssimas* não constituíam empecilho para seu movimentar de ciclista sem bicicleta. Segurava o volante com as mãos fechadas em concha, presas por invisível aderência a direção. Os braços diminutos não o impediam de manobrar com destreza e segurança o veículo sob a sua responsabilidade. Trabalhava como um mouro enquanto existisse sol, sumindo no horizonte o astro-rei era tomado de uma letargia que prostrava-o, colocando-o de banho tomado, bermudas, alimentado, diante da televisão para assistir contrito o telejornal. Vez em quando dava umas escapulidas nunca bem explica-

das, reaparecendo com suspeito bom humor. Conosco todos eles, alguns aqui não citados aos quais peço desculpas pela omissão, percorreram estradas e veredas, caminhos e atalhos. Ajudaram-nos a vencer os verdes anos hoje tão longínquos. Quando retorno do sertão, idas e vindas de léguas vencidas a cada temporada penso comigo: "viajo porque preciso, volto porque te amo". Poe essa razão esta história tem seguimento, esse ainda não é ponto final. Amoroso das reminiscências, usando a frase poética do mestre José Calasans voltarei ao assunto. Até breve.

Resumo

A seca e o sileiro q
grande d
ções sob
João Mig
cito bras
que asso
por Lam
deste tra
Para tan
lógicos a
campo. (c
possíveis
"grandes
fito; por
forçada;
colabora

Palavras

1 Graduaç
-Cultural 1